

**Santa Barbara Portuguese Studies:**

Vol. 9: Março de 2022

Número dedicado a João Cabral de Melo Neto

**Introdução**

*O sangue de um homem é mais espesso do que o sonho de um homem*

João Cabral de Melo Neto

Falamos de espessura ou densidade quando pensamos, por vezes, na criação da imagem poética em João Cabral de Melo Neto, do concreto e do inusitado, mas o sangue transporta já, liquidamente, todos os sonhos e a pedra desfaz-se, transformando-se em areia ou em pó, (ou em rosa de areia), como, mais à frente, observará Renan Nuernberger. Há a pedra, a segura, a carnadura material - austera e digna - mas também o rio que fala ou a voz da gente que fala ao descê-lo, em poemas em que o narrativo, o dramático e o lírico gostam de misturar as suas águas, mostrando-nos tanto e tão bem, que nada é puramente uma coisa, a poesia de João Cabral de Melo Neto aprofunda vitalmente, e de uma forma ampla e plural as nossas relações com o mundo, pensando-o por dentro e considerando-nos por dentro, com os avessos, desdobramentos, camadas e dimensões que nos compõe: (corpo, palavra, mundo ...), humanamente e singularmente, esta é também, entre tantas coisas, uma poesia do espaço e precisamente sobre ele se debruça o artigo inicial: “O Sahel entre Sertão e Sevilha: notas para uma leitura de *Museu de Tudo*”, em que Renan Nuernberger reflete sobre a unidade poética *Museu de tudo* (1975), pensando aquilo que nele se afirma como um conjunto invertebrado revitalizador da sua criação poética, e observando como no esquema de analogias entre “Sertão e Sevilha”, o Sahel surge como um novo elemento mediador. Sobre a relação com o espaço incide também artigo:

“Corografias de Pernambuco e Sevilha na poética de João Cabral de Melo Neto” de Fabiane Renata Borsato que discute em seis poemas, a estrutura lógica-discursiva dos versos e a perspectiva adotada pelas vozes poéticas para a apreensão das corografias das duas localidades. Poesia do espaço (e do trânsito no espaço: o rio, o retirante, o sertão), mas também da imagem e, dentro dela, a imagem em movimento, é por isso vital também aqui o artigo de Ivan Marques: “Caça ao objeto: João Cabral e a arte cinematográfica” que incide nas múltiplas relações de João Cabral de Melo Neto com o cinema e a estética cinematográfica, que aborda não só a conexão com o cinema ao longo de sua trajetória, mas também a sua visão sobre a proximidade entre literatura e cinema, o seu envolvimento com o cinema brasileiro e a transposição da sua obra para filme, tanto na ficção como no documentário, concluindo com uma reflexão sobre a presença do cinema na linguagem poética de João Cabral.

O ofício de João Cabral de Melo Neto como editor é estudado por Priscila Monteiro no artigo: “Um projeto editorial sonhado: cartas sobre a criação de *O Livro Inconsútil*” projeto editorial por onde seriam publicados *Psicologia da Composição* (1947) e *O cão sem plumas* (1950), que daria origem ainda à edição de doze livros de outros autores. Os projetos editoriais de João Cabral de Melo Neto são ainda alvo de um estudo aprofundado por Solange Fiuza em: “João Cabral de Melo Neto e o complexo de Antologia”, artigo que se centra no período entre 1947 e 1950 e no projeto Cabralino de organizar uma revista antológica assim como nas antologias de poetas brasileiros que João Cabral de Melo Neto imprimiu em Barcelona e na Antologia de Poetas Catalães que traduziu para português.

É inegável o assombro que a poesia de João Cabral de Melo Neto gerou na poesia brasileira, assim como as ressonâncias que deixou nos poetas que se seguiram dos dois lados do Atlântico, em: “A presença de João Cabral nalguns poetas portugueses”, Arnaldo Saraiva estuda o diálogo que poetas portugueses do século XX e XXI estabeleceram com

o autor brasileiro, considerando os poetas ou poemas que referem explicitamente o seu nome em título, em dedicatória motivada ou no corpo textual, e que fazem o elogio do poeta ou imitam claramente versos seus ou o seu estilo, e se valem ou apropriam do seu léxico de imagens e metáforas, desde Alexandre O'Neill, Ruy Cinatti, Sophia de Mello Breyner, Armando de Silva Carvalho ou Rui Lage. Tomando como ponto de partida um poema de Murilo Mendes em honra de Manuel bandeira em que este afirma que a lírica brasileira se manuelizou, Arnaldo Saraiva considera que a partir de 1959 a lírica portuguesa também se cabralizou: “pela repercussão que a sua poesia concreta, concisa, rigorosa, aguda, substancial teve, mesmo quando não explicitada na produção poética portuguesa”.

Pretende-se com este número partilhar um conjunto de estudos que aprofundaram, de uma forma original, aspetos importantes da criação, reflexão, atividade e diálogo de João Cabral de Melo Neto. Agradeço à Professora Elide Valarini Oliver a ideia de organizar este número e o constante apoio e troco de ideias. É com grande alegria que partilhamos agora um conjunto de textos unidos por uma paixão comum. Esperamos que gostem, e que seja um ponto de partida para outros estudos e diálogos, ativos e contínuos. E é este diálogo e legado que é importante celebrar, hoje e sempre, esta poesia vai dizer: agora, e vai ser também um núcleo, onde muitos chegarão e com o qual muitos dialogarão, de uma forma ativa, crítica e criativa, porque, como diria a poeta portuguesa Inês Dias: “É impossível calar um rio”. Que ele, cresça no seu caudal com todas as vozes e que por isso não tenha fim: Isso é importante também.

Nuno Brito, 17 de Fevereiro de 2022.